

PSICOMOTRICIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA

Tacyana Silva Peres
Mônica Aparecida de Oliveira Cruz
(Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM)

Resumo

Na alfabetização, durante a aquisição da leitura e da escrita, a criança necessita de habilidades psicomotoras para se desenvolver cognitivamente. Desse modo, todo educador que lida mais especificamente com a alfabetização, necessita compreender como a criança constrói a noção de espaço e de tempo. Assim sendo, esta pesquisa buscará investigar a importância da psicomotricidade na alfabetização de crianças. Considerando esses aspectos, para alcançarmos esse objetivo, foi feita uma série de pesquisas bibliográficas para apoiar um estudo crítico sobre os processos de alfabetização e sua correlação com a psicomotricidade, haja vista que, a partir do momento em que a criança tem a noção de direção e espaço, os processos de leitura tendem a ser mais fluentes.

Palavras-chave: alfabetização; criança; psicomotricidade.

Abstract

Psychomotricity in the Children Literacy Process

Literacy for the acquisition of reading and writing, the child needs psychomotor skills to develop cognitively. Thus, every educator who deals specifically with literacy, need to understand how the child constructs the notion of space and time. Therefore, this research will seek to investigate the importance of psychomotor literacy of children. Considering these aspects, to achieve this goal, a number of bibliographic research has been done to support a critical study of literacy and its correlation with psychomotor, considering that, from the moment that the child has the sense of direction and space, the reading processes tend to be more fluent.

Keywords: literacy; child; psychomotricity.

Introdução

Quando pensamos em Psicomotricidade, relacionamos os movimentos e noções do corpo com os

fenômenos dos processos mentais do aluno, juntamente com a alma, espírito e mente. Dessa maneira, é muito importante perceber se os elementos básicos da psicomotricidade estão bem formados, pois

estes influenciam a capacidade de movimentar, associando o corpo de forma global. Esses movimentos são significativos, pois são as bases da alfabetização, principalmente, no tocante à escrita.

Nessa perspectiva, ao movimentar um gesto simples, esse integra ao nosso corpo como um todo e passa a fazer parte de nossa vida para o todo sempre. Com o decorrer de nosso crescimento, surge a necessidade de desenvolver, criar e aperfeiçoá-lo para uma melhoria harmônica corporal. Isso visa preparar o aluno até chegar à pré-escrita ou aos grafismos e, então, começar a desenhar as primeiras letras.

Na alfabetização, o desenvolvimento motor está vinculado a conjuntos de movimentos e sua relação com áreas psicomotoras, ou seja, a percepção, a coordenação motora, a orientação espaço temporal, a orientação temporal e a lateralidade. Essas habilidades, quando desenvolvidas normalmente, são promotoras da alfabetização e incentivo à escrita. Compreender, conhecer e trabalhar o próprio corpo são requisitos essenciais para a aprendizagem.

Por isso mesmo não devemos esquecer que o trabalho de desenvolvimento motor, juntamente com as qualidades físicas básicas, tornará o

educando mais adequado à aprendizagem motora. Desse modo, o educador deve respeitar alguns princípios como, por exemplo, os primeiros movimentos são simples e com eles notamos e valorizamos cada gesto, que deve ser bastante explorado.

Toda atividade psicomotora deve estar ligada à necessidade de associar os movimentos realizados com o lado social do educando, que é uma das características básicas da aprendizagem. Os estudos de Vygotsky, de acordo com Oliveira (1995, p. 43) expõem que “o ser humano se constitui enquanto tal na sua relação com o outro”. Então, para que ocorra sempre uma harmonia corporal, temos que dar valor aos movimentos criados desde o nascimento da criança, não esquecendo que o trabalho em conjunto será sempre importante. A psicomotricidade nos leva a ter sempre uma progressão e integração no plano social do indivíduo.

De acordo com Vygotsky (1997), os principais objetivos da psicomotricidade são: consciência do próprio corpo; domínio do equilíbrio, controle e eficácia das coordenações globais, controle da inibição voluntária, controle da respiração, organização do esquema corporal, orientação no espacial, temporal e espaço-temporal. Tudo isso, visando uma melhor adaptação ao mundo exterior, prepara o educando para se adequar ao meio e

auxilia-o na construção de habilidades para a alfabetização e a escrita.

Com base nesses pressupostos, surge a seguinte indagação: quais as contribuições dos conhecimentos da psicomotricidade na alfabetização da criança? Acredita-se que os alfabetizadores que lidam com a Educação Básica de crianças, com base nos conhecimentos psicomotores, possam auxiliar seus alunos no processo de aquisição da leitura e da escrita em relação ao espaço e ao tempo.

Diante disso, essa pesquisa tem por objetivo investigar quais as contribuições da psicomotricidade nos processos de alfabetização infantil. Para tanto, faremos um estudo reflexivo sobre a importância de o professor aprender a aplicar os conhecimentos da psicomotricidade na educação das crianças em tempo de alfabetização. Assim, por meio dessa pesquisa, queremos refletir sobre a importância da psicomotricidade no desenvolvimento motor e cognitivo da criança e qual a sua relação com a alfabetização. Nessa perspectiva, abordaremos os conceitos de psicomotricidade, alfabetização e estratégias psicomotoras. Sabendo que o papel do educador é primordial para o desenvolvimento global do educando, é imprescindível conhecer as noções básicas de psicomotricidade.

Desenvolvimento psicomotor e a alfabetização da criança

Conceitos e evolução da psicomotricidade

Quando começaram os primeiros estudos sobre a motricidade infantil, abordava-se o desenvolvimento motor e, posteriormente, fez-se a associação deste com as deficiências intelectuais. À medida que se avançavam as pesquisas, outra concepção de psicomotricidade veio à tona, analisar o ser humano em relação as aptidões motoras em função da idade (José & Coelho, 1996). Assim veio sendo tecido o conceito de psicomotricidade e atualmente seu campo de atuação está mais amplo e inclui a lateralidade, a estruturação espacial, a orientação temporal e outras dimensões.

Segundo Vygotsky (1997, p. 107)

[...] a educação psicomotora é um meio prático de ajudar a criança a dispor de uma imagem do corpo operatório, a partir da qual poderá exercer sua disponibilidade. Esta conduta passa por vários estágios de equilíbrio e correspondem aos estágios da evolução psicomotora.

É importante lembrar que uma das funções da psicomotricidade é a conciliação entre o gesto e a afetividade, o

que nos leva a compreender a questão do estímulo e perceber a diferença entre o brincar de uma criança que possui iniciativa e a de uma outra que se mostra extremamente envergonhada.

Dessa forma, tornou-se possível, por meio de ações educativas, tomando-se por base os movimentos espontâneos da criança e atitudes corporais, promover a formação da auto imagem corporal e o controle de habilidades motoras finas.

Nessa perspectiva, podemos definir psicomotricidade como o estudo, análise e educação dos movimentos com a atuação do intelecto, ou seja, a relação entre pensamento e ação. Essas ações são estudadas a partir de sua compreensão neurofisiológica e psíquica.

De Meur & Staes (1991) atribui à psicomotricidade cinco aspectos principais, o primeiro é o desenvolvimento do *esquema corporal* que está afeto à formação do eu (da personalidade) da criança. Nesse sentido, a criança começa a experimentar seu corpo, a conhecê-lo e a se expressar por meio dele.

No segundo aspecto, o mesmo autor discute sobre a questão da *lateralidade*, com a qual a criança percebe a diferença de movimentos entre os membros esquerdos e direitos (dominância lateral). Posteriormente, discute a maneira como a criança se localiza no espaço que a rodeia e como as coisas se situam umas em

relação a outras, o que esse autor denomina de *estruturação espacial*. Ainda no tocante aos aspectos, estuda-se a *orientação temporal*, ou seja, como a criança percebe e utiliza o tempo. Por fim, estuda-se o grafismo e seu domínio progressivo até chegar à escrita e às habilidades motoras finas.

Na atuação psicomotora, o profissional pode iniciar pelos exercícios motores nos quais o corpo tem a possibilidade de deslocar e o indivíduo irá percebendo as diferentes noções, subjetivamente. Depois, passa a se explorar os exercícios sensório-motores com os quais começam a estimular a manipulação de objetos e a percepção de diversas noções. Por fim, temos as atividades perceptomotores, nas quais as manipulações são mais finas e a percepção visual é significativa.

O esquema corporal

O esquema corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo. A própria criança percebe-se e percebe as coisas em sua volta, tendo como referência sua própria pessoa.

Nesse contexto, a personalidade se desenvolve graças a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo, de seu ser, de suas possibilidades de agir e transformar o mundo à sua volta. A criança se sentirá bem na medida em que seu corpo lhe obedece, em que o conhece bem, em que pode utilizá-lo não somente para movimentar-se, mas também para agir.

A lateralidade

O domínio da lateralidade vai se desenvolvendo durante o crescimento, em outras palavras existe um lado dominante, direito ou esquerdo, que a criança terá mais habilidade, sendo mais forte e mais ágil. A lateralidade corresponde a dados neurológicos, mas também é influenciada por certos hábitos sociais. Não devemos confundir *lateralidade* (dominância de um lado em relação ao outro, em nível da força e da precisão) e domínio dos termos e referências esquerda e direita (De Meur & Staes, 1991).

O conhecimento esquerda-direita decorre da noção de “dominância lateral”, é a generalização da percepção do eixo corporal a tudo que cerca a criança. Esse conhecimento será mais facilmente apreendido quanto mais definida for a lateralidade da criança, porque ela percebe que trabalha naturalmente com uma das mãos. Segundo De Meur & Staes (1991),

caso haja hesitação na escolha da mão, não poderá firmar-se com segurança. Da mesma forma, em caso de lateralidade cruzada, a criança confundirá facilmente a noção de direita e esquerda.

Assim sendo, esse conhecimento faz parte da estruturação espacial e está ligado à noção de dominância lateral. Dessa maneira, recomenda-se colocarmos essa aprendizagem imediatamente após a da lateralidade.

De acordo com De Meur & Staes (1991, p. 13), “o conhecimento estável da esquerda e da direita só é possível aos 5 ou 6 anos e a *reversibilidade* (possibilidade de reconhecer a mão direita ou a mão esquerda de uma pessoa à sua frente) não pode ser abordada antes dos 6 anos, 6 anos e meio. De fato, esse estudo precede os exercícios de simetria em orientação espacial.

A estruturação espacial

Dentre os elementos básicos da psicomotricidade temos a estruturação do mundo exterior e sua orientação em relação ao eu referencial, em seguida a outros objetos ou pessoas em posição estática ou em movimento. Esta difere do Esquema Corporal, porque na Estruturação Espacial é a tomada de consciência da situação de seu próprio corpo em um meio ambiente, isto é, do lugar e da orientação

que pode ter em relação às pessoas e coisas, ou das coisas entre si.

Refere-se, ainda à possibilidade, para o sujeito, de organizar-se perante o mundo que o cerca, de organizar as coisas entre si, de colocá-las em um lugar, de movimentá-las.

Portanto, a estruturação espacial é parte integrante de nossa vida. Não se dissocia os três elementos fundamentais da psicomotricidade – corpo-espaco-tempo – quando operamos com toda essa dissociação, limitamo-nos a um aspecto bem preciso e restrito da realidade (Smith & Strick, 2001).

A orientação temporal

Outro elemento essencial é a estruturação temporal é a capacidade de situar-se em função da sucessão dos acontecimentos, ou seja, o antes, o durante e o após e a noção da duração de intervalos, tais como: tempo longo de tempo curto (hora, minuto), ritmo regular e irregular (aceleração, freada).

A orientação temporal envolve também noções de cadência rápida e lenta, ou seja, diferença entre caminhar e correr. A temporalidade envolve o conhecimento de “renovação cíclica” como os dias, as semanas, os meses. Essas noções temporais são muito abstratas, muitas vezes bem difíceis de serem adquiridas pelas crianças.

Nessa perspectiva, a criança vive no tempo, porque vive uma série de atividades. No entanto a noção de antes e depois aparece quando a criança consegue estruturá-las segundo a ordem cronológica (Smith & Strick, 2001).

Pré-escrita

São pontos relevantes e os três fundamentos da escrita: domínio do gesto, estruturação espacial e orientação temporal. A alfabetização e, por conseguinte, a escrita pressupõem uma direção gráfica, isto é, escrevemos na horizontal da esquerda para a direita. Portanto, os exercícios de pré-escrita e de grafismo são necessários para a aprendizagem das letras e dos números. Sua finalidade é fazer com que a criança atinja o domínio do gesto e do instrumento, a percepção e a compreensão da imagem a reproduzir (De Meur & Staes, 1991).

Esses exercícios dividem-se em puramente motores, de "grafismo": exercícios preparatórios para a escrita na lousa e no papel. Contudo, eles não devem reprimir o trabalho espontâneo de expressão gráfica da criança, esta cria seu próprio desenho que lhe possibilita a expressão de sua visão do mundo, a passagem do sonho à realidade, confirmação ou não aos ensinamentos recebidos. Reveladores para nós e

libertadores para a criança, esses exercícios constituirão igualmente uma aprendizagem real da manipulação do lápis.

Alfabetização

Na vida da criança, os pais são os primeiros alfabetizadores, pois conversam, brincam e envolvem a criança no mundo mágico da linguagem, e logo ela se torna falante. A alfabetização começa no ventre da mãe, quando os pais nomeiam e conversam com o filho ou a filha ainda em gestação, colocando palavras e letras nesses diálogos informais e afetivos.

O contexto social vai lhes proporcionando as bases estruturais para pensar e observar o mundo à sua volta. A cada dia, a criança vai se alfabetizando, buscando significados e respostas às suas curiosidades nesse processo que se prolonga por toda a vida e não só nos primeiros anos escolares. Ribeiro (1999) postula que “a alfabetização de uma criança vai além da aquisição da leitura e da escrita”. Assim, alfabetizar é abrir caminho para um universo de conhecimentos, uma pluralidade de procedimentos, atitudes e valores que lhe permitam compreender e agir no mundo.

O aprender da criança, na postura pedagógica condizente com o construtivismo, dá-se a partir de suas

potencialidades, na interação com os outros e com o seu meio social.

Entretanto, é preciso considerar que na construção do conhecimento existem vários conhecimentos que vão além da aquisição da língua, quais sejam, o científico, o matemático e até mesmo o da moral e da socialização. E isso acontecerá em um ambiente que propicie o desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional, psicomotor, criativo, através da interação da criança com o seu meio, com as pessoas e com os objetos do conhecimento (Ribeiro, 1999).

De acordo com essa estudiosa, “neste momento histórico, podemos constatar, nas escolas infantis cuja prática pedagógica é desenvolvida numa linha construtivista, que crianças de 3 a 6 anos já se apropriam da língua escrita e falada de forma prazerosa e natural”. No contato com crianças pequenas é possível verificar que elas fazem perguntas, explicam fatos, descrevem pessoas e objetos, reconhecem e utilizam letras e numerais nos seus escritos, portanto, já se comunicam oralmente e de forma gráfica.

As crianças, seja na escola ou em casa, querem escrever, ler, desenhar, pintar, recortar, colar, ler livros de histórias. É perceptível seu desejo natural de aprender, pois são curiosas, observadoras, questionam, atuam. E isto pode ser verificado facilmente nas crianças

a partir de 3/4 anos de idade, com maior ou menor intensidade, tendo em vista a proveniência das mesmas, seu ambiente cultural e as oportunidades e contatos vividos.

De qualquer forma, todas as crianças chegam à escola falando a língua materna, algumas com maior experiência com a palavra falada e escrita em relação a outras que possuem algumas restrições e limitações.

Como todas já são falantes da mesma língua, cabe ao professor alfabetizador continuar esse processo. Quanto mais rico e apropriado for o vocabulário das crianças, mais depressa elas se aproximam da leitura e da escrita. Esse objetivo pode ser alcançado pelas crianças, sempre que lhes proporcionem contato com variados textos ilustrados, desenhos e palavras. Assim quando o professor lhes dá explicações ou comentários sobre acontecimentos que envolvam o assunto, elas compreendem melhor.

Segundo Ribeiro (1999, p. 89), “a linguagem é compreendida pela criança quando ela é capaz de integrar as palavras e frases num contexto de significados”. No desenvolvimento das habilidades de comunicação, é importante o uso das linguagens informativa e criativa. Isso se consegue por meio de exercícios variados e jogos, através dos quais ela se apropriará

das normas de nossa língua. Por volta de 4 a 6 anos, as crianças já controlam o sistema fonético da língua materna, lidam com a gramática e utilizam o vocabulário básico da mesma.

O desenho, o desenvolvimento motor e sua relação com a escrita

O desenho desempenha um importante papel no desenvolvimento e na aquisição da língua escrita pela criança. O ato de desenhar e o próprio desenho proporcionam um conjunto de apoio, dentro do qual a escrita (o texto) pode ser construída. As crianças, muitas vezes, ensaiam para a escrita por meio do desenho e, à medida que desenhavam, vão anunciando, oralmente, o texto que pretendem escrever.

Dependendo do contexto de seu desenho, a criança pode representar o seu texto com apenas uma palavra. A maior parte do que a criança quer dizer no seu texto é transmitida por seu desenho. No início da aquisição da escrita, ela utiliza-se do desenho como apoio ao seu texto. Apresenta muito mais significado no desenho do que no texto propriamente escrito (Ribeiro, 1999).

Em seguida, as crianças aprendem a criar seus próprios textos, fazendo-os independentemente do apoio dos desenhos, alcançando, assim, um estágio mais

avançado de escrita e leitura. Os desenhos de crianças não-alfabetizadas parecem manter o mundo imobilizado. Elas tendem a fazer desenhos de objetos, animais e pessoas posicionados aqui e ali na página, uma casa, uma menina, um cão e outros elementos, sem nenhuma ligação ou relacionamento entre eles.

Os desenhos das crianças mostram-nos a visão de mundo que têm e como percebem as coisas e pessoas que estão ao seu redor e, principalmente, como elas se percebem neste mundo.

De acordo com Ribeiro (1999, p. 136) “a criança, ainda na fase da rabiscagem, descobre, nos seus riscos e rabiscos, uma ‘gente’, um ‘animalzinho’, um ‘objeto’, [...] um impulso para a vida; percebe que suas mãos podem, através de um objeto (lápis, caneta, pincel, graveto, palito), imprimir marcas sobre qualquer superfície”.

Dessa forma, os seus desenhos ou tentativas de escrita são uma consequência de seus atos infantis. O signo gráfico é resultante de uma ação carregada de intenção ainda não totalmente expressa. O olho, espectador dessa conversa entre a mão, o gesto e o instrumento, percebe formas.

A princípio, a criança utiliza-se de uma visão animista como defesa e proteção contra um mundo que ela desconhece. À medida que a criança vai se desenvolvendo

cognitiva e graficamente, este mundo, antes ilusório, vai sendo dominado através de palavras mágicas, de gestos teatrais, de sinais gráficos evocativos, enfim, através de representações. Sua segurança lhe é devolvida, e ela passa a acreditar e agir concretamente sobre o mundo.

O despertar da escrita

Quando se quer perceber os modos como as crianças adquirem a aprendizagem da escrita e da leitura na alfabetização, é muito importante conhecer o pensamento infantil, a motricidade por meio de atos da fala e do gesto. A noção do corpo em relação ao espaço, movimentos corporais e a leitura, compreensão e transcrição dos símbolos ortográficos são elementos relevantes a serem trabalhados na alfabetização. Hoje em dia, pode-se afirmar que as crianças já entram na escola com algum conhecimento prévio sobre leitura e escrita, tanto que a maioria imita os adultos e brincam que estão lendo e escrevendo, embora pelo hábito muitas vezes conhecem o teor de uma placa ou quadro de avisos (Piaget, 1990).

No contexto no qual a criança está inserida, ela normalmente entra em contato com diversas palavras e símbolos gráficos e os reconhece sem mesmo saber o que são. Ao imitar a escrita, normalmente, gostam de escrever seu próprio nome e os

nomes dos pais. Dessa forma, a bagagem do aluno deve ser conhecida para que se possa detectar, desde o início, a presença de algum distúrbio psicomotor. Portanto, fica claro que o educando conhece a linguagem escrita, interpreta os símbolos de acordo com o contexto, chega a desenhá-los mesmo sem nunca ter se matriculado em alguma escola.

Cada ser humano constrói suas habilidades de escrita e de leitura, na alfabetização e, como vimos, até mesmo antes de frequentar uma escola. Dessa forma, anteriormente à escrita propriamente dita, elas utilizarão os grafismos para representar as letras ou os desenhos. Neste momento pode-se observar sua coordenação e capacidade sensorio motora. Os contextos com o quais a criança interage possui diversos elementos gráficos que são assimilados pelo indivíduo à medida que vai se tornando adulto. Nesse sentido, a criança está em contato direto com ícones, figuras, símbolos, letras, números e outras representações sob forma de signos. Nessa perspectiva, grande parte das crianças, que chegam à escola, consegue estabelecer a diferença entre desenhar e escrever (Piaget, 1990).

De acordo com esse mesmo autor, ao exercitar a motricidade, a criança se aventura nas primeiras tentativas de produzir alguma palavra escrita. Desse

modo, vão aperfeiçoando o controle motor e as letras irão se formar cada vez mais parecidas com a grafia oficial. Essa, como já dissemos anteriormente, começa a ser construída pelo processo de imitação do adulto ou de algum irmão já escolarizado, portanto, é muito importante que a criança defina por si mesma, sua habilidade destra ou com a mão esquerda.

Ribeiro (1999) afirma que as crianças devem ser respeitadas nos seus modos de falar, brincar simbolicamente e imaginar, para que possam interagir com o mundo com espontaneidade e compreender o real.

Quando deixamos que o próprio aluno descubra sua maneira de representar a linguagem por símbolos gráficos, percebe-se, no processo de imitação ele começa a diferenciar e assimilar que há outros dois tipos com os quais representa uma ideia: o alfabeto e o sistema numérico.

Ferreiro (1985) realizou estudos sobre a escrita infantil o qual afirmou que “a aprendizagem da língua escrita é a construção de um sistema de representação”.

Além disso, concebe que nesse processo, cada indivíduo parece adquirir a escrita pelo mesmo processo que ocorreu na humanidade, ou seja, a pictográfica – que são desenhos para representar uma determinada palavra, fatos sociais e outras circunstâncias (Ferreiro, 1985, p. 69). Logo

depois, a criança utiliza uma marca ideológica para representar letras, números e até palavras de acordo com sua própria convenção. Somente mais tarde, chega à alfabetização, que é quando a criança assimila a escrita propriamente dita.

As atividades psicomotoras no processo de alfabetização da criança

O Valor dos Jogos no Desenvolvimento da Psicomotricidade

Em jogos, brincadeiras ou atividades lúdicas, o educador pode preparar uma dinâmica com exercícios envolvendo a psicomotricidade, os quais favorecem o desenvolvimento de competências voltadas para o domínio de habilidades motoras finas. Além dessa característica, existem as dimensões cognitiva, social e emocional, quando se trabalha com a psicomotricidade. Uma criança pode, por exemplo, analisar a maneira como o outro participante atira os objetos, a partir daí ajustar ou criar uma maneira mais eficiente de fazê-lo e atingir o objetivo proposto com maior frequência.

A capacidade de comparar modos de atuação propicia à criança uma oportunidade de elaborar novas estratégias pelo contato social com outros jogadores. Dessa maneira pode-se concluir que um jogo, com características específicas pode

promover o desenvolvimento de diferentes aprendizagens. Quando utilizados no processo educativo, os jogos têm por objetivo colaborar com o desenvolvimento da percepção espacial na primeira infância, levando a criança a estabelecer as relações entre direção e espaço.

Durante um exercício psicomotor, a criança tende a desenvolver várias habilidades motoras e cognitivas. Para dar um exemplo dessas habilidades, o educando irá construir a noção do peso do objeto em relação à força do arremesso, cuja intensidade não pode ultrapassar o alvo e assim falhar na tentativa de atingi-lo. Dessa maneira a criança, ao tentar controlar todos esses elementos, desenvolve a capacidade de dominar a escrita com mais facilidade.

Toda atividade pedagógica tem seu momento de avaliação, no qual passam a analisar os resultados e relacionam às expectativas da criança em relação ao número de êxitos. Nesse momento, é muito importante o incentivo do educador para que o aluno se sinta motivado e tente melhorar seu desempenho num segundo momento do jogo. Para tanto, essa atividade exige uma abstração reflexiva (habilidade cognitiva por meio da qual a criança cria relações entre objetos, distância, força, forma, etc.), além da coordenação perceptivo-motora (Oliveira, 2007).

Para melhor compreender esses conceitos, num primeiro momento, a criança atira os objetos em direção a um alvo, colocado a certa distância. É possível que a criança acerte o alvo várias vezes, após construir mentalmente a noção do espaço que a separa e a intensidade a ser utilizada para que o arremesso atinja o objetivo proposto. Essa construção vai se tornando mais apurada à medida que a criança começa a comparar a maneira como procede entre uma tentativa e outra e aprimora o modo como joga, por exemplo, os pregadores em um determinado recipiente.

Na alfabetização, este jogo pode estimular, ainda, a quantificação numérica. Isso acontece, quando a criança para calcular sua eficiência começa a contar quantos alvos foram atingidos. Geralmente, esses resultados abordam uma satisfação individual ao obter sucesso com os arremessos, a comparação competitiva entre os participantes, pode ser abordada quando for este o objetivo. Nesse primeiro momento o importante é desenvolver a capacidade de medir distâncias, coordenar a direção e a controlar a força do arremesso (Oliveira, 2007).

Quando existe objetivos múltiplos a criança tem a chance de decidir com qual deles irá tentar obter sucesso. O trabalho que envolve diferentes alvos com graus de dificuldade variados, abordados por

diferentes aspectos dos materiais que compõem a atividade lúdica, podendo torná-lo mais interessante e educativo.

Os jogos, quando praticados em grupos, despertam a cooperação entre os elementos integrantes da mesma equipe, pois através de um trabalho coletivo, buscam o sucesso na eliminação das etapas. Aqui as variáveis analisadas são: as dificuldades, a força diferenciada de alvo para alvo e a abstração matemática ao lidar com pontuação e a separação de elementos por categorias. Os resultados obtidos e o sucesso alcançado são aprendizagens construídas pelo aperfeiçoamento da habilidade perceptiva-motora (Oliveira, 2007).

Os jogos aplicáveis ao desenvolvimento de habilidades psicomotoras tanto quanto as atividades lúdicas devem ser planejados com objetivos predefinidos, de modo que favoreçam o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional da criança. Nessa perspectiva, um signo escrito pode ser utilizado de maneira natural e significativo, quando o aluno lida com operações aritméticas básicas. A criança além de ser estimulada no exercício das operações básicas, constrói a noção de geometria (ângulos, reta e curva), física (espaço e força) e linguagem (interpretação e escrita de códigos matemáticos e instruções verbais).

Considerações finais

A relação da psicomotricidade com a alfabetização

O desenvolvimento psicomotor tanto de crianças normais quanto de crianças portadoras de distúrbios requer o auxílio constante do professor, por meio da estimulação em sala de aula e do encaminhamento, quando se fizer necessário. O professor pode ajudar e, muito, em todos os níveis, na estimulação para o desenvolvimento cognitivo e para o desenvolvimento de aptidões e habilidades, na formação de atitudes através de uma relação afetiva saudável e estável (que crie uma atmosfera de segurança e bem-estar para a criança) e, sobretudo, respeitando e aceitando a criança do jeito que ela é.

A reeducação psicomotora é um processo, uma terapia programada que visa modificar o comportamento. Parte dessa atuação é privativa do técnico em psicomotricidade. No entanto, as atitudes do educador têm de estar relacionadas com a orientação específica do profissional habilitado. É preciso mais do que vontade e boas intenções. É necessário intervir de forma adequada, no momento oportuno, com técnicas.

Na alfabetização, a psicomotricidade abrange um campo

preventivo e construtivo. Nesse aspecto, o ideal seria que todos os educadores tivessem conhecimentos básicos do assunto, porque na época da alfabetização, a criança terá de saber usar a mão para escrever e os olhos para ler. Deverá também dominar os movimentos adequados para estas habilidades.

A criança necessita movimentar ao máximo os dedos, as articulações do braço, do pulso e das mãos para perceber os tipos de pressão, de resistência, de temperatura e as formas dos objetos. Na idade pré-escolar, a prioridade é para a atividade motora global. Nesse estágio, a criança dirige intencionalmente as explorações a um fim específico, chegando a ele com segurança e sem dificuldade, ou seja, ela dispõe de uma verdadeira memória do corpo, carregada de afetividade.

A criança, no período de alfabetização, depende de suas experiências vividas anteriormente com sucesso e valorizadas pelo adulto. A energia usada em seu movimento não é impulsiva, já tem certo controle. Nesse sentido, a ação alfabetizadora da escola consistirá em desenvolver a espontaneidade, adaptada ao ambiente, no sentido de construir a linguagem oral e escrita da criança. Para isso, é necessário que o professor tenha conhecimento do ritmo de desenvolvimento da criança e crie as condições para o seu progresso.

É importante ver na atividade lúdica da criança em idade pré-escolar o tipo de atividade criadora necessária para a expressão da personalidade e a maturação da imagem do corpo. Mediante uma atitude não diretiva, que garanta certa liberdade, o educador permite à criança realizar sua experiência do corpo, indispensável no desenvolvimento das funções mentais e sociais. Desenvolvendo-se nesse clima, pouco a pouco, a confiança em si mesma e um domínio de suas possibilidades e limites, serão condições necessárias para uma boa alfabetização.

Quando a criança começa a ser alfabetizada, percebe-se que a expressão verbal é um prolongamento natural da ação psicomotora. E interessante levar a criança a expor fatos vivenciados, com a finalidade de estabelecer uma ligação entre o imaginário e o real. Os intercâmbios orais sugeridos pela ação representam uma verdadeira linguagem social, muito importante de ser desenvolvida na fase da alfabetização. Tendo em conta as condições práticas e o conhecimento que se tem das crianças, o professor deve propor atividades que possibilitem esses intercâmbios orais (De Meur & Staes, 1991).

No decorrer do processo educativo, é necessário que o educador ajude a criança a afirmar sua própria lateralidade, permitindo-lhe realizar livremente suas

experiências motoras. Nas primeiras atividades gráficas, o professor não deve exercer nenhuma pressão na criança no sentido de levá-la a usar a mão direita, a fim de que a coordenação óculo-manual corresponda à auto-organização.

Do mesmo modo, é precipitado associar a dominância lateral com verbalização das noções de direita e esquerda. Essa etapa só é possível quando a função de interiorização é suficientemente trabalhada e quando a criança tem condições de apoiar-se em suas próprias habilidades psicomotoras. Qualquer tentativa muito precoce nesse sentido, principalmente para as crianças com dificuldades, pode desencadear insegurança e inibir o desenvolvimento.

Com a criança na fase de alfabetização, a precisão nas contrações musculares é possível de se alcançar com exercícios de coordenações mais comuns. É necessário que criança alcance certo domínio dessas irradiações tônicas, com exercícios de percepção visual e sonora em um ambiente calmo e descontraído. Não se deve pensar que o domínio da unidade espaço-tempo seja fácil para a criança, pois ela vai adquiri-lo de forma gradual, aprendendo a dirigir, acelerando ou freando seu próprio ritmo.

Uma educação psicomotora deve ter como objetivo inicial ensinar criança a ficar sentada, adquirir boa postura, ouvir.

Só depois de atingir esse objetivo é que ela será capaz de receber ordens, concentrar-se, usar memória, executar tarefas do começo ao fim. O progresso pode ser lento, mas como em todas as outras áreas, o grande e principal objetivo é o de não deixar lacunas entre as etapas. Uma estimulação mal orientada confunde ainda mais. Então, a importância de o educador conhecer e perceber o nível real de cada exercício, pois o desenho e, em particular, o grafismo são muito importantes no desenvolvimento da criança.

A evolução do grafismo depende da evolução perceptiva e da compreensão da atividade simbólica. Na medida em que essa etapa é alcançada, a criança torna-se capaz de representar, através de signos convencionais, figuras geométricas, letras, e também de evoluir o domínio gráfico até chegar à escrita. O progresso do grafismo só é possível com o desenvolvimento das coordenações motoras; o controle distal tornar-se-á proximal e os movimentos da mão e dos dedos liberar-se-ão, permitindo a miniaturização do traçado (José & Coelho, 1999).

A educação psicomotora na idade propícia à alfabetização deve ser, antes de tudo, uma experiência ativa de confrontação com o meio. A ajuda educativa proveniente dos pais e do meio escolar tem a finalidade não de ensinar à criança comportamentos motores, mas sim

de permitir que ela exerça a sua função de ajustamento, individualmente ou com outras crianças.

O movimento da criança melhora por meio do pensamento enriquecido pela representação interna da habilidade melhor desenvolvida e executada, pois inteligência-pensamento-ação constituem um círculo fechado. Resta lembrar que, na pré-escola, o papel do professor não é o de alfabetizar, mas é o de estimular funções psicomotoras necessárias ao aprendizado formal. Com o seu conhecimento e sensibilidade, o educador pode dosar teoria e prática de maneira gradual, combinando os estímulos adequados para cada tipo de aluno.

Dada à importância da motricidade e da psicomotricidade na aquisição da linguagem e na alfabetização, todo educador comprometido, há de se inteirar dos elementos psicomotores e procurar desenvolver e aperfeiçoar tais habilidades com seus alunos. Um desenvolvimento psicomotor saudável implica uma alfabetização com maior qualidade e compreensão, por parte do aluno, do meio espacial e temporal. Essas duas variáveis são muito importantes no desenvolvimento das habilidades motoras e na compreensão da leitura e da escrita.

Sendo assim, para que a psicomotricidade seja eficaz na prática escolar e possa contribuir para ao processo

de aprendizagem é preciso que o professor acredite no potencial das crianças, respeitando sua individualidade, sabendo que as dificuldades, obstáculos e as insatisfações fazem parte da caminhada escolar. Por isso deve oferecer atividades e oportunidades para que a criança comunique, crie e se expresse emocionalmente e fisicamente, para o crescimento pessoal e construção da sua autonomia, despertando então o desejo de descobrir e aprender por meio da interação com o mundo.

Nas atividades psicomotoras os alunos revelam as mais diferentes emoções, tendo a oportunidade de criar, expressar-se por meio das brincadeiras, conhecer a si mesma e as diferentes funções que o corpo realiza, conhecer o outro, e o espaço.

Assim, percebe-se que a importância da psicomotricidade na alfabetização de crianças está intimamente ligada a um trabalho processual, desenvolvido pelo professor e, muito ligada a afetividade, uma vez que a criança afetada positivamente, dará resultados positivos, estará sempre segura e confiante em si mesma. Conclui-se com este trabalho

que os professores devem estar realmente comprometidos com as crianças, no qual é a fase mais importante para o desenvolvimento e construção do sujeito. A psicomotricidade vem fazendo um diferencial nesta etapa quando realizada com objetivos claros e concretos.

Considerando esses aspectos, para alcançarmos o objetivo da pesquisa, foi muito interessante compreender não só a questão da afetividade, mas também da ludicidade, dos jogos e brincadeiras que propiciam maior e melhor desenvolvimento psicomotor e, conseqüentemente, maior aprendizado. Portanto, à medida que a criança adquire os conhecimentos referentes à noção de direção e espaço, os processos de leitura tendem a ser mais fluentes.

Por fim, é essencial que a escola promova a alfabetização em confluência com o mundo vivido pela criança, respeitando as suas peculiaridades, as suas brincadeiras, os seus desejos pessoais e principalmente, o seu jeito de aprender. É a partir desse olhar que se promove o desenvolvimento psicomotor infantil e conseqüentemente o processo de alfabetização da criança.

Referências

De Meur & Staes, L. (1991). *Psicomotricidade: educação e reeducação*. São Paulo: Manole.

Ferreiro, E. (1985). *Reflexões sobre a alfabetização*. São Paulo: Cortez.

José, E. A. & Coelho, M. T. (1996). *Problemas de Aprendizagem* (8ª ed.). São Paulo: Ática.

Oliveira, G. C. (2007). *Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico* (12ª ed.). Rio de Janeiro: Vozes.

Oliveira, M. K. (1995). *Vygostky: Aprendizado e Desenvolvimento, Um Processo Sócio-Histórico* (2ª ed.). São Paulo: Scipione.

Piaget, J. (1990). *A formação do Símbolo na Criança* (3ª ed.). Rio de Janeiro: LTC.

Ribeiro, L. E. P. (1999). *Para Casa ou Para Sala?* São Paulo: Didática Paulista.

Smith, C. & Strick, L. (2001). *Dificuldades de Aprendizagem de A a Z*. Porto Alegre: ArtMed.

Vygotsky, L. S. (1997). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

As autoras:

Tacyana Silva Peres é pedagoga, graduanda em Psicologia - UFTM. Avenida Guilherme Ferreira, 333, Bairro Centro 38010-200 - Uberaba, MG. Telefone: (34) 9152-7055; tacyperes@yahoo.com.br).

Mônica Aparecida de Oliveira Cruz é mestre em Lingüística. Supervisora do PIBID dos estudantes do curso de Letras da UFTM. Avenida da Saudade, 289, Bairro Mercês 38061-000 - Uberaba, MG. Telefone: (034) 3312-9449; monicaoliveiracruz@yahoo.com.br).